

7. AUTOCONHECIMENTO E CONSCIÊNCIA

*Espírito Santo*³¹

Resumo: A questão básica deste artigo diz respeito ao desenvolvimento do processo de autoconhecimento através dos tempos, buscando desvelar que quando Paulo Freire nos fala em conscientização é porque chegava o momento histórico em que o autoconhecimento profetizado por Sócrates, há mais de dois mil anos, chegava finalmente a se apresentar como fruto do amadurecimento do ser humano.

O século XX significou o início de uma nova época, especialmente a partir de 1945 quando explodiram as bombas atômicas, no final da segunda guerra mundial.

Era o fim de uma época, que denomino de “adolescência” da humanidade, sendo certo, que o “adolescente humano” percebeu que podia “destruir o planeta”...

Observe-se que a guerra ocorreu no auge do que denominei de adolescência, onde o “quem manda sou eu”, cristalizou-se em figuras autoritárias e ditatoriais como Hitler, Mussolini, Stalin, Tito, Franco, Salazar e isto somente para falar da Europa, o mais civilizado continente! ...

Pouco antes da segunda guerra, o filósofo e paleontólogo Teilhard de Chardin apontava, profeticamente, em sua obra “Fenômeno Humano”, que o ser humano após percorrer longamente o caminho da análise, chegava finalmente à luminosa síntese. Ou seja, aquilo que contemporaneamente é denominado, por muitos, de visão holística da Vida. Nessa mesma obra, em que Teilhard aponta para o fenômeno de uma nova época, ocorria aquilo que ele denominava como sendo o início da “**consencialização**”, ou seja, uma tomada profunda de consciência do ser humano, a respeito da Vida: o **Ponto Ômega** como ele mesmo, assim o definiu.

Curiosamente, outro profeta, desta vez na Educação, que foi Paulo Freire, afirmava, anos depois, “que antes de alfabetizar era preciso **consientizar**”.

Na verdade, as duas afirmativas nos conduzem a perceber que, realmente, um novo momento tem início na história da humanidade: o desenvolvimento da consciência.

Por isso o surgimento da UNESCO, o avanço da ecologia, as tantas ONGS hoje presentes, a ênfase nos direitos humanos e mesmo o surgimento desse movimento em busca da “Consciência”, que organizou este Simpósio.

De minha parte, vejo também, o início do Caminho em direção ao autoconhecimento- **a consciência de si mesmo**- ou seja, o desenvolvimento da secular profecia de Sócrates, que em seu conhecido aforismo, assim dizia: “o conhece-te a ti mesmo é o princípio de toda a sabedoria”. Constatei dentre outros sinais, que pela primeira vez numa Universidade, no caso

³¹ Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo

na PUCSP, era aceita a criação, na área da Educação, de uma cadeira eletiva, que desenvolvi desde os anos noventa, denominada “o autoconhecimento na formação do educador”.

Se nos voltarmos à história, vamos constatar que a humanidade viveu até o ano zero, um período que corresponderia à sua infância. Jesus Cristo, que foi o marco decisivo no reinício da contagem dos tempos, referindo-se ao passado, afirmava: “os antigos diziam: olho por olho, dente por dente, eu vos digo, amai os inimigos” (Evangelho de Mateus 20,43). Séculos antes, profeticamente, Sócrates, já aqui referido, e outros filósofos como Platão, trazem um despertar para a transcendência do ser humano. Era o início do tempo a que acima me referi, como sendo o período de “adolescência” do ser humano, que vai até o referido ano de 1945.

As Tradições surgidas, na sua maior parte, também em torno do ano zero de nossa época, como o cristianismo, igualmente apontavam para a transcendência do ser humano. Claro que foram vinte séculos de percurso, até chegar à vivência de uma conscientização, como anunciado por Paulo Freire, ou da conscencialização apontada de Chardin.

Nesse momento, sinto que estamos no início de uma nova época, que denominaria de **maturidade do ser humano**. Claro que vamos conviver ainda com muitos adolescentes... Não esqueçamos que foram vinte séculos de adolescência... Na verdade, o que chamo de **maturidade** está inserido no contexto de conscientização ou conscencialização como já referido e, seguramente, isto implica também num longo Caminhar...

A psicóloga junguiana Jean Houston em sua obra: “A Busca do Ser Amado”, conforme referido em meu livro: “Renascimento do Sagrado na Educação” (1998), na página 21/22, assim coloca a questão:

O que está ocorrendo, acredito, está muito longe daquilo que se tem chamado de ‘mudança de paradigma’. Trata-se de transição de sistema total, uma mudança na própria realidade. Enquanto uma mudança de paradigma poderia ser comparada ao girar de um caleidoscópio e observar as peças distribuindo-se de acordo com um novo padrão e com novas relações entre elas. A transição sistema-total demandaria a inclusão, no todo, de peças inteiramente novas. Até mesmo o mundo está mudando num nível profundamente ontológico; estruturas fundamentais não são mais o que costumavam ser.

Vê-se como Houston distingue o que seria, tão somente, uma mudança paradigmática, do início de uma nova época!

A simples existência de Organizações Não Governamentais revela por si só, como o ser humano se organiza independentemente de uma Igreja, um “partido” ou “governo”, ou seja, a tomada de consciência individual conduz a pessoa a organizar ou participar de um organismo, que busque a realização daquilo que acredita. Em outras palavras, não se fica mais a espera de leis ou ordens que “devam ser cumpridas”. Seguramente, é uma mudança radical, que como afirma Houston é “uma mudança da própria realidade”...

Nesse mesmo momento, o físico e professor universitário Brian Swimme (1996), em sua obra “O Universo é um Dragão Verde”, assim se manifesta:

Nossa civilização moderna começou com uma espécie de esquizofrenia cultural. Nossa pesquisa científica efetivamente desvinculou-se, no início do período moderno, de nossas tradições humanistas-espirituais, por boas razões, sem dúvida, mas hoje a neurose se espalhou por diversos continentes. Emaranhados na mais terrificante patologia da história

da humanidade, talvez possamos nos atrever a perguntar se foi realmente boa essa idéia, essa fragmentação do universo.

As ciências mostraram-se eficientes em suas formulações mecanicistas e, assim, se entrincheiravam no mecanicismo. Nossa tradição religiosa, cautelosamente refugiada numa orientação de redenção e de uma Criação acabada, não era de seu interesse. A cultura ocidental resolveu trilhar o caminho que leva a uma enfermidade inevitável e cada vez mais profunda.

No entanto, algo extraordinário está ocorrendo em nossa época; algo que tem o poder de pôr um fim a esse impasse. Refiro-me à transformação radical da nossa visão básica do mundo, à medida que a história cósmica das nossas origens e do nosso desenvolvimento se afirma na consciência humana.

De que modo a compreensão mais profunda nos dá poderes? Possibilitando-nos reinventar o homem no contexto da nova história cósmica (SWIMME, 10/11)

Esse desenvolvimento, que se afirma na consciência, como referido por Swimme, precisa ser trazido para a Educação, como apontado por Freire, mas, não basta “anunciar” como já foi feito. Agora se trata de trazer isso para o cotidiano das escolas ou outros contextos educativos. Trata-se, como apontado acima, de “reinventar o homem”. É nesse sentido que vejo as questões de conscientização ou conscencialização aqui mencionadas.

Há uma questão de fundo, a ser desvelada, que diz respeito à **mensagem** oriunda das Tradições no ano zero, e que chamava o ser humano para uma forma de **crença**. Ora, ocorre que curiosa e sincronisticamente, no mesmo ano, de 1945, em que explodiram as bombas atômicas e que situo como um marco, do fim de uma época surgem no deserto de Nag Hamadi, no Egito, os chamados Evangelhos Apócrifos, que apontam para uma mensagem de dois mil anos atrás, também relativa às Tradições, com a diferença de apontar não mais na direção de uma **crença**, mas sim de um **saber**. Ou seja, a humanidade caminhou durante o período aqui denominado de “adolescência” numa linha de “crenças” e agora, numa nova época, iniciamos o **Caminho do Saber**.

Não há nada de “errado” nas ocorrências dos vinte séculos passados, sendo certo, que todo o processo havido foi indispensável para chegarmos ao momento presente, com as constatações que estamos aqui delineando. É bom lembrar que “errar” é andar, o “errante” é aquele que anda... O desenvolvimento da consciência humana precisava passar pelas fases já vividas, para chegarmos ao momento que vivemos. A ciência do século XX, particularmente a partir de Einstein já revelava os sinais da “maturidade” que sugiro. Evidente que quando enfrentamos as questões ligadas à transcendência temos que dimensionar o segundo grande aforismo de Sócrates que nos dizia: “o sábio é aquele que sabe que nada sabe”... Sim o mistério do “numinoso”, dos planos do Criador ao nosso respeito, sempre escaparão a nossa pura racionalidade. Aliás, hoje, físicos como Fritjof Capra já apontam para uma “ciência do mistério”. O mesmo Swimme (1996, p 20/21) já aqui referido, na mesma obra de onde transcrevemos texto anterior, assim afirma:

A grande maravilha é que nessa jornada empírica, racional da ciência não devia ter nenhum contato com as tradições espiritualistas. Contudo, no nosso século o período mecanicista da ciência permitiu a inclusão de uma ciência do mistério: o encontro com a supremacia da não existência, que é simultaneamente, um reino de potencialidade generativa.

Veja-se, que Swimme conduz a ciência, a considerar uma afirmação da Tradição judaico-cristã, de que “no princípio era o caos”, ou seja, a Vida teria sido gerada pelo Verbo Criador a partir do “Nada” ou do “Caos Primordial”. Observe-se a similitude das afirmações!

Será importante consignar aqui que sempre existiram grupos, chamados “gnósticos”, ligados à mensagem contida nos Evangelhos Apócrifos, mas, que sempre foram, perseguidos pelas Igrejas dominantes e fundadas na crença, exclusivamente. Tal crença, já não seria apenas nos seres iluminados do ano zero, ou, num Deus transcendente, mas nas Igrejas, que se apresentavam como portadoras da Verdade. Ainda aqui, tratou-se de etapa pertinente ao que denomino de fase de adolescência da humanidade. Foi o indispensável “errar”.

A perseguição durou quase todo período, do ano zero até o século XX. Assim os grupos “gnósticos” viveram, em sua maioria, em absoluta clandestinidade. Os que eram “descobertos”, como os Cátaros, por exemplo, eram eliminados ou perseguidos.

A ciência no início do século XX, como já aqui mencionado, nos traz contribuições incríveis para essa visão do “conhecimento” ou da ampliação da consciência, como algumas já aqui referidas. É o momento que podemos situar como sendo o “encontro da ciência com a Fé”.

Começando com Freud, no campo da psicologia, que veio apontar para uma realidade subjetiva ou inconsciente no ser humano, que abrigava o quanto de sofrimentos reprimidos, especialmente de natureza sexual, e que impediam o pleno desenvolvimento da consciência. Na seqüência Jung vai mais adiante desvelando a existência não só de repressões, como as trazidas por Freud, mas, também, de uma realidade, que ele denominou de “numinosa” (espiritual) também presente no inconsciente. Seguramente coincidia com aquilo que no Evangelho de João é apontado como sendo “a Luz verdadeira que habita em cada homem que vem a este mundo”. (Evangelho de João 1,9) Tal realidade, presente até então somente no inconsciente, era a causa mais relevante, da dificuldade do pleno desenvolvimento da consciência humana! Evidente que os traumas anunciados por Freud poderiam ser resolvidos pelas terapias nascentes, mas e o “numinoso”, a espiritualidade que Jung afirmava estar presente, também, no inconsciente? Como trazê-la para o consciente? Aqui é que vamos entender melhor as expressões consciencialização e conscientização já pontadas nesse artigo. O ser humano começa a ser “liberto” de seu inconsciente, de suas “sombras”, segundo ainda Jung, e caminha para uma dimensão de integração do “ego” e do “self”, que simboliza na psicologia junguiana, a plenitude da pessoa humana. Jung utilizou a expressão “self” para indicar, exatamente essa dimensão espiritual do ser humano.

O drama apontado por Jung era a inconsciência do “self”, ou seja, do “si mesmo”. Ele denominava de processo de individuação, tal integração, o que a meu ver é o mesmo que desenvolver o autoconhecimento. O próprio Jung (1975, 19) em sua obra “Memórias, Sonhos e Reflexões” afirmava: “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou”.

Na Tradição cristã essa realização do inconsciente, era denominada o “nascer de novo” ou “nascer para o Espírito”.

Por ocasião de sua crucifixão, dizem os Evangelhos, que uma das frases pronunciadas pelo Cristo foi: “Pai perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!” (Luc. 23,34). Ou seja, aqueles que o matavam eram perdoados por sua “ignorância”! Sim, o ser humano possui uma dimensão, que quando ignorada, afasta qualquer juízo de valor quanto a seus atos! É o “self” que permanece no inconsciente! Se o ser humano não desenvolve sua consciência, trazendo do

inconsciente a dimensão numinosa apontada por Jung, ele permanece “ignorante”, como referido.

Em sua obra “O Absurdo e a Graça”, Jean Yves Leloup (2003, p.192), transcreve trecho de Jung onde tal aspecto é assim situado:

Faz-se depois de algum tempo, uma diferença entre pequena e grande terapia. Por pequena terapia entendem-se os tratamentos dirigidos às neuroses e que visam restabelecer a saúde psíquica. Seu objetivo é tornar um indivíduo apto a fazer seu caminho na sociedade, a trabalhar e nela criar contatos. A primeira condição é libertá-lo de sua angústia, de sua culpa, de seu isolamento... É uma terapia puramente pragmática. Mas, às vezes, o sofrimento humano, físico ou psíquico enraíza-se muito longe, além do psicologicamente acessível, atinge o núcleo do ser metafísico, situando-se, portanto a uma profundidade do inconsciente cujas manifestações têm um caráter numinoso: a vida espiritual está em jogo. Nesse caso, a cura só é possível se o doente aprende a se perceber nesse nível. É preciso que ele compreenda seu fracasso no mundo como um bloqueio de uma realização de si mesmo, através da qual seu próprio Ser transcendente deveria manifestar-se. Tal terapia tende ao testemunho do Ser essencial no eu profano e, nesse sentido, à realização do *self* verdadeiro. Ela se chama a grande terapia. Ela deve ter um sentido iniciático.

Vê-se da longa transcrição, como Jung distingue claramente a vinda para o consciente da dimensão transcendente ou espiritual do ser humano, distinguindo-a claramente de uma ação psicanalítica. Vejo como a grande tarefa da educação nesse momento, desenvolver essa ação, de ampliação da consciência a que Jung dá um sentido iniciático

Em outras áreas da ciência também tivemos avanços que conduziram a essa visão mais ampla da consciência do ser humano. Assim foi com Einstein, que apontou para a **religiosidade** do universo e seus seguidores como Heisenberg, Capra e Swimme, dentre outros, na física, ou Sheldrake na biologia, Grof e Karlfried Graf Durckheim, ainda na psicologia. Todos eles nos trazem uma visão inteiramente nova de universo e de matéria, superando definitivamente os paradigmas anteriores.

Na verdade, o apogeu do paradigma, denominado cartesiano, deu-se no século XIX quando Augusto Comte cria a Igreja da Razão! Era a tentativa última do reducionismo. Sim, era levar para o que seria objeto da transcendência, uma visão materialista, gestada no paradigma cartesiano... Foi quando, na mesma época, Nietzsche afirmava que “Deus está morto”... Curiosamente e ainda uma vez sincronisticamente, tivemos no mesmo século XIX, uma visão oposta à Igreja da Razão, que foi o surgimento do kardecismo, que significou uma visão da espiritualidade, exatamente, numa linha do “saber” e não da crença... Allan Kardec o codificador do espiritismo, anunciava uma “Ciência do Espírito”, traduzida em sua obra maior: “O Livro dos Espíritos”.

Claro, que na época foi considerada “coisa do demônio”, pois contrariava o poder da Igreja, especialmente a Católica, que se sentia ameaçada por uma ciência, dita espiritual, e mesmo por uma releitura dos Evangelhos Canônicos, que foi feita por Allan Kardec.

Estávamos diante de opostos aparentemente inconciliáveis e que foram trabalhados intensamente no século XX.

Tenho insistido aqui na questão da sincronicidade. Na verdade, trata-se de uma expressão criada por Jung, para apontar acontecimentos que não obedeciam à lei de causa efeito, reinante em seu tempo. Jung afirmava que os eventos aconteciam, muitas vezes, por razões que

transcendem a materialidade da “lei de causa e efeito”. Assim foi em 1945, como já aqui apontado, ou com o kardecismo no mesmo século, da Igreja da Razão.

A abordagem das três fases da humanidade tem sido enfrentada, por distintos autores, dentre os quais trago para esta reflexão, Edward Whitmont (1997, p.236) que em sua obra “A Busca do Símbolo”, assim situa a questão:

A evolução do ego pode ser dividida em três fases. A infância é a fase de realização durante a qual uma identidade total não diferenciada começa a desintegrar-se, a identidade ego-*Self* gradualmente se separa e elementos do meio ambiente interagem com potenciais arquetípicos para produzir uma primeira personagem real. Geralmente, nessa fase, as pessoas e as coisas são vivenciadas como **poderes** opressores ou ameaçadores; o ego percebe-os como se fossem entidades mágicas e, posteriormente, mitológicas. O segundo estágio estabelece a separação entre o ego e o *Self*, as pessoas e as coisas são apenas pessoas e coisas. O único poder reconhecido é do ego – e isso é expresso no ditado familiar ‘querer é poder’. O terceiro estágio é o do **retorno**, o do preenchimento e realização do potencial da personalidade. O movimento nesse estágio é em direção a totalidade do indivíduo. Os elementos não - racionais pressionam para que haja integração; o ego é arrastado para o restabelecimento de um relacionamento com o *Self*, não na identidade inconsciente, como na infância, mas sob a forma de um encontro consciente. Em consequência essa fase não pode ser explorada até que haja um ego suficientemente forte para encarar o *Self*.

Vê-se que a divisão em três etapas no desenvolvimento do ser humano, se aplicado, como sustento aqui, à própria história da humanidade, veremos que a infância descrita por Whitmont aplica-se à fase vivida pelo ser humano antes do ano zero: fase das entidades mágicas e míticas. Mesmo a visão por ele colocada, de que pessoas e coisas são vivenciadas como poderes opressores ou ameaçadores é bem evidente! Na segunda fase que chamei de adolescência, vamos encontrar o que ele aponta como sendo, um ego que vive o “querer é poder”. Creio que tal foi a característica do que denominei de adolescência da humanidade, com o surgimento de ditaduras tanto civis como religiosas. . Finalmente, Whitmont denomina de “retorno” à terceira fase, porém com uma diferença fundamental: a integração que era inconsciente na “infância”, agora será consciente! Interessante, que essa visão do autor encontra similitude com um dos mitos mais tradicionais do cristianismo: o início mitológico da humanidade dá-se no paraíso, onde a inocência é a característica fundamental. Pode-se dizer que no paraíso havia a integração plena do ego com o *self*, ainda que o *self* permanecesse no inconsciente, como sustenta Whitmont, em sua descrição da infância. A segunda fase do mito cristão é a “expulsão do paraíso” com o experimento do “fruto da ciência do bem e do mal”. Tem então início a peregrinação “egóica” do ser humano, que com o advento de Jesus Cristo vê o “anúncio” do “retorno”, como sustentado pelo autor. Curiosamente uma das parábolas mais conhecidas e significativas trazidas pelos Evangelhos diz respeito ao Filho Pródigo, que semelhantemente ao acima descrito: deixa a Casa do Pai e retorna após uma sofrida peregrinação... Neste retorno insere-se o mistério do “livre arbítrio” da escolha feita pelo filho de “querer” voltar à casa do Pai. Vê-se nessas versões como a história do indivíduo humano é um símbolo do vivido pela humanidade até o dia de hoje! Aliás, o mistério da liberdade, ou do livre arbítrio, permanece como um dos aspectos mais sensíveis da existência!

Claro que toda a temática aqui desenvolvida comportaria abordagem bem mais extensa, porém os limites do artigo não permitem mais divagações.

Resta um último aspecto que gostaria de trazer, como relevante nessa chegada à maturidade. Trata-se do retorno do princípio feminino.

Sim, a humanidade viveu em sua adolescência, um patriarcalismo evidente.

Diz um mito babilônico que a deusa feminina do Caos, Thiamat, foi derrotada pelo deus masculino da Ordem, Marduk, estabelecendo-se, desde então uma “ordem” masculina e uma conseqüente abominação do “caos”.

Mais uma vez será no século XX, como minuciosamente abordado na obra “O Caos, a Criatividade e o Retorno ao Sagrado” de autoria de Ralph Abraham, Terence McKenna e Rupert Sheldrake, que se dará a recuperação do feminino e a vinda para uma nova consciência do princípio feminino que havia sido “derrotado”.

Ainda uma vez, “sincronisticamente”, também no século XX matemáticos anunciam a chamada “teoria do caos”, em que afirmam não existir um “caos absoluto”, mas que será o caos sempre a origem de uma nova ordem.

Vemos assim, mais uma vez um retorno a uma unidade perdida...

Claro que ainda temos no oriente de forma mais forte, a discriminação da mulher como indicativos da marginalização do feminino. É um longo processo de maturação.

Para ilustrar o acima apontado, menciono a obra organizada por Richard Carlson e Benjamim Shield (1994, p.62), “Curar, Curar-se”, em artigo de Lynn Andrews, assim põe a questão:

Quando falamos em reconduzir o equilíbrio para a terra, referimo-nos ao elemento ausente, a “consciência feminina”. Ao dizer isso, não estou afirmando que a mulher seja superior ao homem. Estou me referindo a ‘uma parte do nosso ser interior` (...)

Ou seja, a integração dos princípios masculino e feminino, ou seja, a “anima” e o “animus”, como denominava Jung são indispensáveis para o desenvolvimento da maturidade aqui trazida .

Curiosamente a Grécia clássica nos traz um mito conhecido, que é o do Minotauro e que aponta para o caminho da integração do feminino e do masculino.

Sim, tal mito nos dá conta que Teseu o herói masculino, resolve enfrentar o monstro preso no labirinto de Creta - o Minotauro – pois ele era uma permanente ameaça à população. Armado de sua espada Teseu dirige-se ao labirinto, porém antes de lá adentrar, sua namorada Ariadne diz que levasse um fio, que ficou conhecido como fio de Ariadne, e que na medida em que entrasse no labirinto fosse soltando o fio, para poder voltar, não ficando prisioneiro do labirinto... Sabemos todos que o mito finda dando conta que Teseu mata o Minotauro e graças ao “fio de Ariadne” consegue sair do labirinto... Não só está aqui inserida a importância da integração dos princípios masculino e feminino, como também a “prisão” à violência em que o patriarcalismo se coloca... Sem o princípio feminino não há saída...

Para finalizar esse artigo, utilizando também forma mais sutil de reflexão vou trazer um texto poético que visa expressar, de outra forma, o que trouxe para o racional.

Denomina-se “O Nascer da Consciência” e foi publicado em livro de minha autoria denominado “Pedagogia da Transgressão”, (1996, p. 95/96):

Há um imenso universo à nossa volta
Luminoso
Infinito
Repleto de formas e de sons

Há um microcosmos também infinito à nossa volta
Das belas margaridas do campo
Às incríveis abelhas em suas colméias
Ao prodigioso mundo dos microorganismos

O Homem pensa
E vem pensando que por isso existe
Cria o “seu pequeno mundo”
Terrivelmente “seu” e separado do cosmos
Assim o Homem pensa que existe
Uma existência pequena
Limitada
Inexoravelmente mortal!

Não percebeu o Homem a Luz de sua consciência
A Luz que brilha nas trevas do pensamento
A Luz que comunga com a energia maior do Universo
A Luz que permite profundas transformações

O Nascer dessa consciência
É a superação dos dualismos
Da ciência do bem e do mal
Da ventura plena da liberdade para a qual foi criado

O nascimento para esse universo infinito
Significa a percepção e a descoberta do mistério da Luz
Mistério sutil
Mistério de Amor

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Ralph, McKenna, Terence e Sheldrake, Rupert. *O caos, a criatividade e o retorno ao sagrado*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CHARDIN, Teilhard. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar. *Desafios na formação do educador*. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. *Renascimento do sagrado na educação*. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. *Pedagogia da transgressão*. Campinas: Papirus, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

- HOUSTON, Jean. *A busca do bem amado*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- JUNG, C Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- LELOUP, Jean Yves. *O absurdo e a graça*. Campinas: Verus, 2003.
- SHIELD, Benjamin e Carlson, Richard. *Curar, curar-se*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- SWIMME, Brian. *O universo é um dragão verde*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- WHITMONT, Edward. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

